

ÊNFASE PROSÓDICA
E VARIAÇÃO (SOCIO)LINGÜÍSTICA

Carlos Alexandre Victório Gonçalves
UFRJ

Introdução

Neste artigo, meu principal objetivo é discutir a relação ênfase/variação, analisando, mais precisamente, três trabalhos sobre fenômenos de variação lingüística no português contemporaneamente falado no Rio de Janeiro: (a) o de Fausto (1992), cuja análise se baseia no fenômeno da assimilação -ndo/-no (cf. 'falando'/'falano', por exemplo); (b) o de Gonçalves (1993), sobre os processos de inserção (prótese) e cancelamento (aférese) de [a] em início de vocábulos (como em 'atropeçar' e 'cabar', respectivamente); e (c) o de Brunner (1995), que trata das estratégias de intensificação utilizadas em português. Todos os três partem da Teoria da Variação Sociolingüística (cf. Labov, 1966 e 1972), buscando estabelecer, portanto, grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que possam constituir condicionamentos para a aplicação ou não-aplicação de uma regra variável.

No que concerne ao *corpus* utilizado, os dois primeiros trabalhos (Fausto, 1992 e Gonçalves, 1993) tomaram por base os dados da Amostra Censo de Variação Lingüística (Naro, 1986), enquanto o último (Brunner, 1995) partiu dos dados do projeto NURC. Nesse sentido, busco verificar, aqui, de que maneira o acento enfático (cf. Cooper-Kuhlen, 1986) pode interferir na atuação dos fenômenos ora tomados para reflexão.

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------

1. Caracterizando a ênfase

Nesta seção, busco mostrar as características da ênfase prosódica (ou focalização) em português, verificando, mais precisamente, as diferenças entre ênfase e foco, conceitos bastante próximos, mas definíveis em planos distintos, conforme sugerido em Gonçalves & Costa (1996 e no prelo).

Moraes (no prelo: 16) adverte que *as características da entonação da estrutura informacional não devem ser confundidas com a proeminência prosódica que determinada palavra poderá receber num enunciado que contesta uma afirmação prévia, com o intuito de corrigi-la*. Pode-se depreender desta citação que a entonação tende a indicar o *status* informacional dos constituintes de um enunciado, distinguindo, por exemplo, entre elementos-foco e elementos-pressuposição. No entanto, o conceito de ênfase difere consideravelmente do conceito de foco, uma vez que não parece existir, aí, uma relação unívoca. Em outras palavras, se, de um lado, o valor informacional dos segmentos de um enunciado é marcado por uma prosódia específica, de outro, a noção de ênfase não pode ser diretamente relacionada à prosódia do foco, visto que (a) pressupõe uma entonação bastante diferente, conforme mostram Gonçalves & Costa (1996 e no prelo: 13-25) e (b) é um conceito de natureza paradigmática, em oposição ao foco, que vem a ser uma noção estritamente sintagmática.

O fenômeno da ênfase encontra-se, assim, relacionado e dependente da estrutura da informação e vem a ser uma espécie de 'foco do foco'. A ênfase envolve a seleção, dentro de cada unidade informacional, de um certo

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------

elemento como ponto de proeminência. Pode ser definida, dessa maneira, como o 'highlighting' dado pelo falante a uma parte do enunciado. Cada unidade de informação pode ter, assim, um ponto primário de foco de informação (ou foco propriamente dito) e/ou um ponto primário (foco) seguido por um secundário (ênfase). Essa escolha realiza-se através do que se denomina de "grupo prosódico" (cf. Hirst & Di Cristo, op. cit. e Coleman, 1913). Vista dessa maneira, a ênfase pode ser encarada como uma noção basicamente paradigmática, uma vez que um dado item (lexical ou instrumento gramatical) pode ou não ser enfático. O foco, diferentemente, é uma noção de caráter sintagmático, haja vista o fato de, na verdade, ser constituído de elemento(s) de uma seqüência; mais restritamente, conforme sugerem Hirst & Di Cristo (46), pode ser analisado como um constituinte sintagmático, ou *nó de uma árvore*.

Com base no exposto, pode-se dizer que certas partes de um enunciado são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta. A relação entre foco e focalização (ou ênfase) não é unívoca porque os elementos focalizados constituem, freqüentemente, o foco de um enunciado. Ao contrário, nem todo foco constitui ênfase. Nesse sentido, a seta que relaciona foco e focalização não é de caráter bidirecional.

A focalização (ou ênfase) vem a ser uma espécie de núcleo do foco de informação, constituindo-se, assim, de uma espécie de relevo/realce através do qual o falante identifica qual a parte da mensagem-foco que deverá ser interpretada como a mais informativa. Conforme assinala

<i>Signum</i>	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	---	------	-------

Taglicht (1984), cada ponto focalizado na informação realiza-se foneticamente como um componente mais acentuado do ponto de vista prosódico. Por essa razão, o que é focalizado (ou enfatizado) é, necessariamente, “new”. “New” não porque não foi mencionado previamente, muito embora, quantitativamente falando, esse seja o caso de maior frequência, mas é “new” exatamente porque o falante tende a interpretar como não passível de recuperação (a) nem a partir do texto precedente (co-texto); e (b) nem por meio do contexto pragmático imediato (cf. Chafe, 1966). Parto, assim, do pressuposto de que a focalização constitui, por definição, uma informação “new”.

Passo a descrever, a seguir, as pesquisas que tomaram a focalização como grupo de fator relevante no prognóstico de fenômenos de variação e/ou mudança no Português do Brasil, a fim de refletir acerca de sua atuação no controle da variação (socio)lingüística.

1. Descrição das pesquisas

Fausto (1992) toma a ênfase como variável dependente e mostra que vocábulos focalizados tendem a não sofrer a assimilação -ndo/-no, resistindo, assim, ao impulso inovador. Nesse sentido, a presença do acento enfático em um vocábulo potencialmente afetável pela atuação do processo inibe a aplicação da regra, como pode ser observado no exemplo a seguir (também Mollica & Mattos (1992: 38) acenaram para a relevância da ênfase no controle da variação ora em foco).

(i) Não ... Ele não estava **pedino**, ele (es)tava **mandando** mesmo!

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------

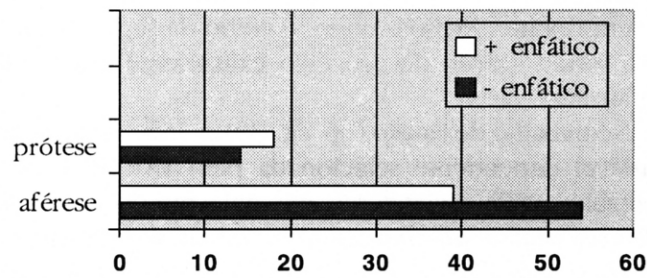
Em (i), nota-se a existência de dois itens lexicais que contêm o elemento em variação. O primeiro deles ('pedindo') sofreu a ação do processo, ao passo que o segundo ('mandando') resistiu à inovação. As variáveis controladas por Fausto (op. cit.) que mais se mostraram operantes (extensão do vocábulo e categoria gramatical também operantes em Mollica & Mattos, 1992) não são os fatores relevantes para explicar a assimilação no primeiro item e a não-assimilação no segundo. O que está em jogo, aí, é a ação da ênfase dada ao verbo contrastado na segunda oração. A sentença (i) constitui exemplo claro do que Gonçalves & Costa (no prelo) denominam de ênfase corretiva, visto que o falante estabelece uma nítida oposição entre 'pedir' e 'mandar' (termos em oposição primária cf. Taglicht, 1984), corrigindo, assim, o que foi dito anteriormente. Nesse sentido, o verbo da segunda oração não sofreu a ação do processo exatamente por ter sido enfatizado.

No trabalho de Fausto (op. cit.: 39), a ênfase foi a terceira variável dependente selecionada pelo VARBRUL 2s (cf. Pintzuk, 1988) e constitui, nas palavras do autor, *forte efeito condicionador para a não-atuação do processo, atingindo probabilidade de .69 para elementos não-enfáticos contra .28 para elementos enfáticos* (40).

Gonçalves (1993) analisou os fenômenos de aférese e prótese da sílaba [a] inicial tanto na história da língua portuguesa, quanto no português contemporaneamente falado na cidade do Rio de Janeiro. No que diz respeito aos dados de fala, constituiu o "envelope da variação" com cerca de quinze grupos de fatores, dentre os quais a ênfase. Para investigar o efeito da ênfase nas variações ora em foco, subdividiu os dados potencialmente protéticos

e aferéticos em (a) [+ enfáticos] e (b) [- enfáticos]. Dentre os fatores de natureza lingüística, foram selecionados pelo programa computacional, em ordem hierárquica, a 'velocidade de enunciação', a 'ênfase', o 'contexto fônico posterior' e a 'tonicidade'. Os resultados percentuais da variável ênfase foram reunidos no Gráfico (01) (na nota 1 são dados os números relativos à aplicação da regra e os índices de probabilidade. Logo seguir, confirmam-se os devidos exemplos, respectivamente para a aférese e para a prótese cf. Gonçalves, 1993: 60)¹.

Gráfico 1. Efeito da ênfase nos processo de aférese e prótese do [a]



(ii) Olha, ela simplesmente **Ar-ra-sou** (NIL, 46a, prim.).
(aférese [+ enfático])

¹ Os valores de aplicação da regra e os índices de probabilidade são os seguintes: aférese [+ enfático]: $85/585 = .30$; aférese [- enfático]: $884/1538 = .66$; prótese [+ enfático]: $28/201 = .33$; prótese [- enfático]: $113/370 = .59$.

(iii) Não quero que ele fique **Acreditando** nisso (Glo, 42a, p.). (aférese [- enfático])

(iv) Ela queria **mostrar** o relógio, não dar (NEL, 22a. gin.). (prótese [+ enfático])

(v) Eu queria que ele não ficasse me **Atentando** mais (Glo, 42a,p.) (prótese [- enfático])

A focalização do exemplo (ii) vem a ser do tipo que Gonçalves & Costa (1996) denominam de ‘ênfase por silabação’, visto que o realce dado ao verbo em questão (‘arrasar’) foi feito por meio de uma marcação de ritmo silábico (soletração de sílabas). O falante, nesse caso, para destacar o que diz, ou seja, para chamar a atenção àquilo que está enunciando, fez uso de uma fala silabada (que se assemelha ao ritmo silábico). No exemplo (iv), nota-se a presença de uma ênfase corretiva (oposição de ‘mostrar’ em relação a ‘dar’, efetivada por meio de uma correção).

De forma semelhante ao que se verificou no trabalho de Fausto (1992), o estudo de Gonçalves (op. cit.) evidenciou papel relevante da ênfase no sentido de resistir ao impulso inovador. Pode-se concluir, assim, que a atuação da ênfase prosódica é realmente relevante em fenômenos de variação lingüística, haja vista o fato de vocábulos enfatizados na fala tenderem a constituir “freios” à ação dos processos, inibindo, portanto, as inovações. Na verdade, a ênfase dada a um determinado constituinte do enunciado tende a realçar o seu *status* informacional dentro do evento de fala que se realiza. Dessa forma, os segmentos mais enfatizados na fala são aqueles que possuem uma carga informacional relativamente mais alta e, conseqüentemente, requerem do falante uma atenção maior em sua produção.

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------

Pode-se afirmar, assim, que os dados mais enfatizados na fala presumem uma escolha prévia e mais ou menos consciente por parte dos falantes, fato que os leva a uma percepção maior com relação às normas cultas da língua, tornando menos previsível o emprego das variantes não-padrão. Portanto, os eventos de fala em que um dado termo é marcado como [+ enfático] são caracterizados, na maior parte das vezes, por um ajuste mais acentuado quanto às variantes padrão, o que faz do fator 'ênfase' um agente refreador de variações estigmatizadas sociolingüística-mente, como as analisadas no decorrer desta seção.

O trabalho de Brunner (1995) objetiva descrever os processos de intensificação na fala urbana culta carioca. A autora observa, à página 57, que *na audição das entrevistas gravadas, identificamos a presença de um acento de insistência em muitas das formas representativas dos recursos intensificadores constituintes do nosso corpus, o que nos levou a questionar, em primeiro lugar, o peso desse fator condicionante (a presença do acento de insistência) como um intensificador da intensificação*. Nesse sentido, Brunner (op. cit.) também utiliza a variável 'ênfase' como possível condicionador dos processos de intensificação que analisa. Embora não tenha chegado a resultados quantitativos, levanta a possibilidade de que exista um traço prosódico dominante no conjunto das estruturas intensificadoras que descreve (duração, intensidade ou frequência fundamental).

Como o trabalho de Brunner (op. cit.) investiga especificamente os processos de intensificação, ao que tudo indica, a existência de um reforço prosódico (o que ela denomina de 'acento de insistência') parece constituir traço recorrente nas formas assim marcadas (cf., por

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	---	------	-------

exemplo, 57). Nesse sentido, acredito que a ênfase mais freqüente seja a intensiva, haja vista o fato de esse tipo ênfase incidir freqüentemente em itens lexicais passíveis de quantificação, como nos exemplos a seguir:

(vi) Porque mamãe mesmo diz que lá em Uruguaiana, aquele pessoal lá do Sul, é ... **muito rico** , têm aquelas estâncias que eles nem sabem o que é que têm, né? (D2 69, 8)

(vii) Bicho desgraçado, doutor, pode matar, o senhor mata sem dó, porque o bicho é, o bicho não **presta** (...). (DID 75, 15)

(viii) Nós éramos, tínhamos total falta de comunicação, falta de informação, nossa educação era ... assim ... **bitola...da** . (DID 373, 1)

Ao que tudo indica, parecem ser recorrentes no trabalho de Brunner (op. cit.) os três sub-tipos de ênfase que Gonçalves & Costa descrevem como intensiva: (a) a textual e prosódica, explicitada por meio de um advérbio focal, com marcação prosódica redundante (exemplo vi); (b) a prosódica, caracterizada pela elipse do advérbio (exemplo vii); e (c) a de vocábulos naturalmente enfáticos, que, por si sós, já exprimem intensificação (exemplo viii).

O trabalho de Brunner (op. cit.) tende a indicar atuação diferente para a ênfase (vista, neste artigo, como condicionamento lingüístico relevante em fenômenos de variação), comparativamente aos estudos de Fausto (1992) e de Gonçalves (1993). Se nos dois últimos a existência de ênfase constitui efeito desfavorecedor à aplicação das regras variáveis, no primeiro parece constituir efeito favorecedor. Essa tendência, que pode ser considerada 'inversa' no trabalho de Brunner (op. cit.), é passível de ser explicada pelos seguintes argumentos: (a) pela própria natureza do

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------

fenômeno analisado (a intensificação textual vem, quase categoricamente, acompanhada por intensificação prosódica cf. Gonçalves & Costa, op. cit.); e (b) pela falta de estigmatização do processo que analisa.

Como conclusão a este texto, lanço, como hipótese, a seguinte premissa no que diz respeito à atuação da ênfase em fenômenos de variação (socio)lingüística:

a ênfase atua como grupo de fator relevante em variações lingüísticas que implicam uma oposição entre formas padrão versus formas não-padrão, no sentido de exercer ação refradora às variantes não-padrão. Ao contrário, quando não entra em jogo uma polarização entre formas padrão/formas não-padrão, a ênfase pode ou não atuar como agente condicionador.

3. À guisa de conclusão

Neste artigo, tratei especificamente da relação entre ênfase prosódica e variação lingüística. Levanto, com base nos três trabalhos resenhados, a hipótese de que a ênfase apresenta-se como fator relevante em fenômenos de variação lingüística que implicam uma oposição entre formas estigmatizadas e formas não-estigmatizadas, coibindo o emprego das primeiras. Isso se deve ao fato de a ênfase dada a um constituinte do enunciado realçar o seu *status* informacional dentro do evento de fala, de modo que os elementos enfatizados presumem uma carga informacional mais alta e, por essa razão, requerem do falante atenção maior em sua produção. Pôde-se afirmar,

<i>Signum</i>	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
----------------------	----------------------	----------	------	-------

assim, que os dados mais enfatizados na fala pressupõem uma seleção prévia e mais ou menos consciente por parte do falante, fato que o leva a um grau maior de percepção quanto às normas cultas da língua, tornando menos previsível o emprego de variantes não-padrão. Por outro lado, se o fenômeno variável não envolver estigmatização em suas variantes, a ênfase pode ou não constituir grupo de fator relevante.

Referências bibliográficas

- BRUNNER, Maria Lúcia (1991). *Processos de intensificação na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 36 p. mimeo.
- CHAFE, Willian (1976). Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and points of view. In: LI, C. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press.
- COLEMAN, H. O. (1914). Intonation and emphasis. *Miscellanea Phonetica I*. Association Phonétique Internationale, 7-26.
- COOPER-KUHLER, Elizabeth (1986). Functions of intonation. In: —. *An introduction to english prosody*. London: Niemeyer.
- FAUSTO, Luiz Roberto Lopes (1992). Assimilação -ndo/-no: uma regra variável. *Estudos Lingüísticos* 22. Franca: GEL/UNIFRAN, (2): 36-44.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre (1993). *Aférese e prótese: verso e reverso morfológico*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 180 p. mimeo.

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------

- GONÇALVES, Carlos Alexandre & COSTA, Raquel Romankevicius (1996). Entonação e ênfase. *Anais do V Congresso da Assel-Rio*. Rio de Janeiro: UFRJ/Assel-Rio.
- (no prelo). A manifestação da ênfase no Português do Brasil. *Alfa*. Inédito.
- HIRST, Daniel & DI CRISTO, Albert (no prelo). *A survey of intonation systems*. 61p. mimeo. Inédito.
- LABOV, Willian (1966). *The social stratification of English in New York*. Washington: Center of Applied Linguistics.
- (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: U of Pennsylvania P.
- MOLLICA, Ma. Cecília & MATTOS, Paula (1992). Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, (1): 53-64.
- MORAES, João Antônio de (no prelo). *Intonation in Brazilian Portuguese*. S/ref., 29 p. mimeo. Inédito.
- NARO, Anthony Julius (1986). *Subsídios sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação*. Relatório Final FINEP. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 412 p. mimeo.
- PINTZUK, Susan (1988). VARBRUL Programs. Montreal: Un. of Montreal, 40 fls. mimeo.
- TAGLICHT, Josef (1984). *Message and emphasis*. London: Longmann.

Signum	Estudos da Linguagem	1	1998	73-84
---------------	----------------------	----------	------	-------